

A simbologia comportamental no processo de interação entre os meios de comunicação e os indivíduos¹

Clara Celina Ribeiro da ROSA²

Gilmar Adolfo HERMES³

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir o contexto dos meios virtuais refletindo a partir disso sobre como se estabelecem simbologias em torno do comportamento humano. Elaborar-se uma análise dos sites de redes sociais (WILBER, 2010; PRIMO, 2014) investigando-se a interação dos meios de comunicação e a constituição identitária dos indivíduos (HALL, 2006; HABERMAS, 1983). Conclui-se que os instintos de preservação mental encontram no campo virtual um cenário que vende uma ilusão de eternidade e possibilita uma visualização de mundo sectária a partir da propulsão de cobranças sociais. A partir disso, propõe-se que é preciso desenvolver a autorreflexão na comunicação, visando o resgate da subjetividade dos sujeitos.

Palavras-chave: Meios de comunicação. Identidade. Simbologia Comportamental.

Introdução

A geração pós-moderna trouxe consigo infindáveis críticas relativas à hegemonia midiática. Discursos e manifestos brotam quase instintivamente, mas contraditoriamente, o campo virtual se tornou o principal cenário de tais ações, ou seja, a comunicação acaba submetida a outro meio midiático. Isso pode ser claramente observado hoje nas redes sociais, especialmente no site Facebook, que possui uma crescente popularidade. Não se pode negar que o desenvolvimento do meio virtual possibilitou o surgimento de mídias alternativas, propagando opiniões diversas e contribuindo para um contexto mais democrático. No entanto, é difícil demarcar até onde essa democracia realmente acontece, pois inicialmente a troca de um capital financeiro para um capital informacional parecia trazer consigo esperanças de uma era que valorizaria o conteúdo em contrapartida ao consumo. Não se esperava, contudo, que a fácil propagação de informações gerasse entropia e trouxesse consigo uma visualização de mundo tão vulnerável.

¹ Trabalho apresentado no IJ 06 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Estudante de Graduação, 5º semestre do Curso de Bacharelado em Jornalismo da UFPel, e-mail: claraa_1995@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Bacharelado em Jornalismo da UFPel, e-mail: ghermes@yahoo.com

Neste artigo pretende-se primeiramente mostrar a partir dos estudos de Jürgen Habermas (1983) e Ken Wilber (2010) as diversas esferas que envolvem o processo comunicacional, para então refletir sobre a atual estrutura dos sites de redes sociais junto das análises de Alex Primo (2014). Após avaliar o cenário e o contexto dos meios virtuais de comunicação, estudam-se as concepções de identidade de Habermas (1983) e Stuart Hall (2006) de forma a refletir sobre a atual construção identitária dos indivíduos. Por fim, tenta-se demonstrar que o encontro desses atuais indivíduos com esse novo contexto ocasiona o surgimento de novas simbologias midiáticas que potencializam ações comportamentais provenientes de uma visualização de mundo desprovida de subjetividade.

A estrutura dos meios

Quando se pensa em comunicação é possível visualizar não simplesmente pessoas, mas um meio, uma estrutura simbólica que as reúne. Essa estrutura se manifesta em diversas esferas, podendo a primeira vista ser apenas um canal (o rádio, a televisão, a internet, uma comunidade, o estado), mas em termos mais profundos é também um código moral, se construindo de forma mútua entre os atores sociais.

E ao se falar de estrutura comunicacional não é possível, enfim, afastar-se dos conceitos de polis e práxis. De acordo com Ken Wilber⁴ (2010) a polis é o primeiro cenário de relações verdadeiramente humanas, por ser onde se aplica a práxis, atividade que se dá através da linguagem, da comunicação e da conexão entre psiques, gerando entendimento compartilhado. “(...) [É] somente na polis-práxis e na troca comunicativa que a humanidade se torna, pela primeira vez, verdadeiramente humana e descobre, nessa humanização elevada, potenciais não presentes na natureza em geral.” (WILBER, 2010, p. 224)

Contudo, Wilber deixa claro que a polis-práxis nunca conseguiu colocar em prática o ideal de comunicação livre e irrestrita, afinal, tal estrutura se trata de uma união de indivíduos que possuem o poder de escolha para agir de acordo com o que lhes parece bom e isso nem sempre favorece a sociedade como um todo. Além disso – e

⁴ Ken Wilber é filósofo, fundador do campo dos estudos integrais que busca reunir o conhecimento de diversas áreas, como ciência, arte, filosofia, ética, psicologia e espiritualidade. Um dos seus principais objetos de estudo é o mapeamento da consciência humana.

talvez por consequência disso -, ressalta que Habermas já afirmava o quão trágico era que a práxis tivesse se reduzido à *techne*. Ou seja, que o encontro de mentes – práxis – tivesse sido reduzido ao uso da mente como ferramenta de manipulação da natureza, visando a resultados sobretudo voltados para a competência do sistema técnico estabelecido – *techne*.

Especificamente, precisamos apenas observar que qualquer sistema de trocas – do trabalho material ao intercuro emocional, até a comunicação conceitual – pode ser restringido, oprimido, reprimido e distorcido pelo ambiente social no qual a troca deveria, idealmente, ocorrer livremente. Na maioria das vezes, a distorção e o rompimento são instigados por indivíduos, cidadãos ou líderes poderosos, que deveriam ser os guardiões da troca e do relacionamento sem distorções. Esse rompimento tende a institucionalizar-se, de forma que se reproduz sem intenção consciente (por força da inércia social). (WILBER, 2010, p. 227)

Dadas as observações referentes à natural estrutura em torno do processo comunicacional, pode-se, enfim, analisar o atual contexto. O conflito demonstrado por Ken Wilber se mostra presente nos atuais meios virtuais de comunicação, de forma que os conceitos de Mundo da Vida e Mundo do Sistema proposto por Habermas aparecem hoje camuflados.

Para Habermas há duas dimensões da sociedade que se interpelam: O Mundo da Vida, onde o processo comunicativo se dá, onde relações intersubjetivas se organizam intuitivamente, onde ocorrem as problematizações e discussões práticas que podem ou não levar às discussões de valores morais; e o Mundo do Sistema, que se caracteriza pela organização estratégica econômica e política, onde impera a não linguagem, a não discussão, ou seja, é a macroestrutura na qual se organizam as formas de produção do capitalismo mecânico e instrumental que comanda, mais ou menos, o mundo simbólico da vida. (FIEDLER, 2006, p. 4)

Diferente do cenário proposto pelas outras mídias, a comunicação parece não mais se dar de forma centralizada, possibilitando que os indivíduos interajam e propaguem informações de forma espontânea e não pré-concebida. Foi a partir dessa nova estruturação dos meios que se elaborou o conceito chamado por Pierre Lévy⁵ (1999) de inteligência coletiva, ou seja, o potencial de somar conhecimento compartilhado em rede gerando uma nova alternativa frente ao poder midiático tradicional.

Não se esperava, contudo, que as empresas logo fossem investigar uma forma de lucro a partir desse novo contexto comunicacional. E como mostra Alex Primo (2014),

⁵ Informações sobre os conceitos de Pierre Lévy retiradas da disciplina de Comunicação e Sociedade, ministrada pela professora Rebeca Recuero, no segundo semestre de 2015, do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas.

essa nova esfera discursiva logo foi corrompida por ideais econômicos que quantificaram ações a fim de gerar mapas de consumo e inseriram os indivíduos em um camuflado contexto de censura.

E, muito embora o modelo de “conteúdo gerado pelo consumidor” fosse apresentado com uma roupagem de resistência à grande mídia, ele logo atraiu a atenção de desenvolvedores e empresários como um negócio promissor. Dada a estrutura necessária, os clientes passam a gerar o produto que eles próprios consumirão. (PRIMO, 2014, p. 112.)

Os meios virtuais parecem, portanto, conter ambas as esferas potenciais de ação propostas por Habermas – mundo da vida e mundo do sistema -, de forma que sua utilização se torna subjetiva. Se o potencial criativo e dialógico encontrou espaços mais amplos para se propagar, novas formas de obter lucro também encontraram, e a partir da quantificação de dados surgiram meios de manipulação capazes de disseminar novas simbologias e trazer limites à liberdade.

Tendo em vista que o Facebook passa a exibir cada vez mais informações parecidas com as curtidas anteriormente e dos mesmos autores, o fluxo informativo vai sendo homogeneizado. Perde-se assim diversas possibilidades de saber-se o que não sabe ou conhecer-se informações e opiniões diferentes. (PRIMO, 2014, p.119.)

Se até então a geração pós-moderna apresentava uma visualização um tanto crítica da hegemonia midiática referente a grandes monopólios de comunicação, Alex Primo (2014) nos mostra que tão logo essa se enredou em uma teia que não simplesmente lhe repassa informações. Tendo o Google como ferramenta de pesquisa central, as possibilidades de acesso a respostas se tornaram controladamente limitadas e tendo as redes sociais como principal meio de interação, o potencial dialógico se tornou monitoradamente restringido.

Logo no início da internet, Sérgio Porto (1999) elaborou um estudo das salas de bate papo e a partir disso as comparou com o surgimento do rádio e da televisão, inicialmente vistos como ferramentas que viriam para ajudar no processo educacional. Segundo ele, o ideal logo havia dado espaço ao comercial e o mesmo ocorreria com a

internet, pois os indivíduos que faziam uso dela reproduziam discursos pré-concebidos pela grande mídia, haviam sido educados conforme a sociedade do espetáculo⁶.

Estamos, virtualmente, num regime de calculabilidade total, e o sujeito, se aparecer, o faz a despeito dos enormes mecanismos de controle em ação. Daí nos deparamos com uma subjetividade amorosa desprovida de subjetividade, esse eterno amor vazio, eterna repetição do mesmo, essa forma contemporânea tão estranha de não experiência. Dessa maneira, os chats atuam como mais um espaço discursivo, recheado de regras de conduta, permeado de interditos e com um código de relações pré-estabelecido.

E, no fim das contas, esse cerceamento de liberdade que nós mesmo nos impomos é bem mais cruel porque disfarçado. É velado, escondido e voluntário. Não precisamos de um “Big- Brother” nos vigiando, pois agimos exatamente da forma que convém. Estamos participando da vida social do meio mais democrático e liberto que já foi inventado, e isso nos basta e nos convence. (PORTO, 1999, p. 10-11)

A estrutura dos indivíduos

Para compreender a vulnerabilidade da visualização de mundo decorrente do uso das mídias virtuais é preciso primeiramente compreender como os indivíduos formam a si mesmos, o que pode ser refletido a partir dos estudos de identidade de Jürgen Habermas (1983) e Stuart Hall (2006). Ambos afirmam que as identidades são formadas a partir de representações simbólicas.

Nós só sabemos o que significa ser inglês" devido ao modo como a "inglêsidade" (*Englishness*) veio a ser representada — como um conjunto de significados — pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos — um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. (HALL, 2006, p. 49)

Segundo Habermas (1983), a origem de tais representações simbólicas mais amplas surgiu junto das sociedades organizadas de modo estatal, pois se precisava de um sistema de organização mais amplo, não mais baseado em laços consanguíneos, mas ligados a um território.

As interpretações universalistas do mundo, fornecidas pelos grandes fundadores de religiões e por filósofos, criam uma comunidade das convicções, que é midiaticizada por uma tradição doutrinária e admite somente objetos abstratos de identificação. (HABERMAS, 1983, p. 27)

Ocorre que com o advento da pós-modernidade, surgiram tantas novas ideologias e possibilidades de identificação que as interpretações nacionalistas de mundo se

⁶ Segundo Guy Debord (1977), a sociedade do espetáculo é uma sociedade que se caracteriza pela idolatração de imagens, encenações e produtos, na qual o que mais vale é aparecer e a felicidade é definida pelo consumo.

transformaram um tanto ultrapassadas. O conceito de identidade, segundo Stuart Hall (2006), deixou de ser algo fixo, em vez disso começou-se a vestir identidades que precisavam ser o tempo todo reafirmadas a fim de garantir a aceitação coletiva.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p. 13)

A exposição a diversos tipos de ideologias parece positiva no aspecto que contribui para o conceito de Habermas (1983) de formação da Identidade do Eu, que possibilita uma visualização crítica de mundo, elaborada a partir de princípios individuais. Ou seja, deixa-se de ser vítima de um sistema único de representações e torna-se capaz de julgá-las. Se formos novamente encarar o conceito de inteligência coletiva, proposto por Pierre Lévy (1999), os meios virtuais parecem um exemplo claro desse novo potencial: os indivíduos não mais são vistos como receptores apáticos diante de mídias que não lhes permitem livre expressão, mas como produtores de conteúdo.

Retornando ao que já foi abordado anteriormente, entretanto, sabe-se que os meios virtuais também restringem em certos aspectos essa livre expressão, pois podem filtrar conteúdos, mas como proposto, esse filtro não se dá de forma espontânea, pois necessita da quantificação de dados que são compartilhados na rede online pelos próprios indivíduos. Questiona-se então, como os indivíduos têm administrado a tarefa de produzir conteúdo?

Recapitula-se a reflexão de Porto (1999), de certa forma os indivíduos exercem censura sobre si mesmos, pois já educados a partir da subjetividade das grandes mídias, transportam as simbologias que os estruturaram para o novo contexto. Ocorre que não se pode deixar para trás a historicidade identitária, embora seja possível dividir as esferas da comunicação, ela age de forma unitária e os diversos meios de comunicação em união ao sistema educacional elaboraram e elaboram uma forma de ver o mundo que se baseia em uma linearidade individualista.

Os meios virtuais trazem consigo a noção de sistema e conjunção, o que pode sim trazer breves transformações na forma com que os indivíduos encaram o mundo, entretanto, em um primeiro momento, segue-se propagando informações que condizem

com a velha educação massiva e ditatorial, baseada na segmentação dos conteúdos e na passividade.⁷ Além disso, continua-se com o inconsciente promovido pela sociedade do espetáculo.

Nessa perspectiva, segue-se com uma visualização de mundo sectária e acrítica, procurando formas de exibição e reafirmando a competição baseada na preservação individual, apenas as ferramentas se modificam e o potencial se expande (já que as exibições divulgadas nas redes virtuais tendem a alcançar maior público), afinal, não basta modificar as estruturas externas enquanto as internas permanecem.

A estrutura das simbologias comportamentais

A partir da concepção pós-humana proposta por Paula Sibilia⁸ (2002) de que a internet estabelece um espaço que serve de extensão aos organismos, torna-se possível visualizar a estruturação do virtual como parte do impulso de autopreservação dos indivíduos.

Tal concepção vai de encontro com o que Wilber (2010) chama de dissociação europeia. De acordo com ele, em um momento na trajetória do desenvolvimento da consciência humana, os instintos naturais básicos foram reprimidos em decorrência da visualização dos corpos como estruturas completamente mortais – o que ia contra o objetivo de perpetuação do ego, que busca “[e]ros (vida, poder, estabilidade, prazer, mana)” (WILBER, 2010, p. 46) – e encontrou-se abrigo nos pensamentos, os quais pareciam oferecer permanência, pois possuem a capacidade de progredir para além da vida humana através da cultura.

“(...) o eu que está condenado a morrer, e sabe disso, passa sua vida inteira (consciente ou inconscientemente) tentando negá-la, tanto construindo e manipulando uma vida subjetiva quanto erguendo objetos culturais “permanentes” e “eternos” como sinais exteriores e visíveis de uma sonhada imortalidade.” (WILBER, 2010, p. 47)

⁷ Quando a perspectiva linear e individualista é abordada, utilizam-se os conceitos propostos na palestra de Viviane Mosé sobre Os Desafios Contemporâneos da Educação, no qual ela aborda a forma com que se dá a educação de massa e militar, que ensina os indivíduos tal perspectiva, em contrapartida a uma visualização sistêmica. Palestra disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hRfZLQrAt5A> Acesso em 15 de Novembro de 2015.

⁸ Informações sobre o conceito de Pós-Humanidade proposto por Paula Sibilia, também retiradas da disciplina de Comunicação e Sociedade, ministrada pela professora Rebeca Recuero no curso de jornalismo da Universidade Federal de Pelotas. Segundo tal conceituação, a internet possibilita que se estabeleça um espaço pós-humano que serve de extensão aos organismos, as páginas pessoais dos sites de redes sociais são um exemplo dessas extensões.

Nessa perspectiva, os meios virtuais entram como aliados da autopreservação na medida em que facilitam a propagação de informações e permitem que o conteúdo se mantenha salvo da ação do tempo. Para demonstrar a esfera de imortalidade por trás disso, basta observar as páginas de pensadores contemporâneos nos sites de redes virtuais, elas não só se tornaram um novo grande espaço de produção cultural, como também uma esfera representacional de seus autores com a qual os leitores podem interagir.

Na tentativa de exemplificar tal processo, coletou-se imagens da Fanpage da jornalista Elaine Brum, na qual são divulgados os textos publicados por ela no portal de notícias El País (outra plataforma que propaga conteúdo online). Embora os fãs deixem claro que não é Eliane quem administra a página, é possível encontrar vários comentários de leitores que se direcionam diretamente à autora (informações destacadas em vermelho), o que evidencia como hoje o espaço virtual é visto como parte integrante dos indivíduos. Já que o corpo tem validade, inventou-se no virtual a eternidade.

Figura 1



Fonte: Recortes de print screen da Fanpage no Facebook da jornalista Elaine Brum

Acontece que é possível dizer que assim como os indivíduos elaboraram essa esfera de pós-humanidade, mais tarde ela passou a os elaborar. Isso porque ela surgiu de

uma consciência proveniente da já citada dissociação europeia, que diferenciou o corpo da mente, atitude claramente expressa na perspectiva de Descartes que via o pensamento como garantia de existência e diferenciou razão de emoção (a digna clareza mental contra a obscuridade instintiva).

O neurologista Antonio Damásio (2012) em *O erro de Descartes* já deixa claro o quanto essa separação é danosa, tendo em vista que não considera o indivíduo como um todo.⁹ “A mente encontra-se incorporada, na plena acepção da palavra, e não apenas cerebralizada.” (DAMÁSIO. 2012, p. 119.) E sendo os meios virtuais elaborados a partir dessa perspectiva segregaria, acabou-se por favorecer a já abordada *techne*, dificultando o cultivo da subjetividade nos indivíduos.

Assim, o pensamento tende a entrar em conflito com o mundo mais simples da impulsividade instintiva. O pensamento tende a separar-se da natureza. E aí, à medida que o indivíduo começou a identificar-se com os registros, pensamentos e aspectos de memória do organismo, passou a formar uma concepção de si mesmo como um eu estático, permanente, persistente; e esse eu pensante tendeu a sentir-se separado, não só do mundo impulsivo em torno dele, mas também dos aspectos naturais do seu próprio corpo. (WILBER, 2010. p. 266)

Sendo o instinto de preservação a base da construção dos meios virtuais, presume-se que junto com ele atua o inconsciente coletivo, inconsciente esse que como já estudado a partir das concepções identitárias dos indivíduos foi muito influenciado pela sociedade do espetáculo, a qual tanto prezava pela competição. Essa competição costumava ter base nos ideais propagados pela grande mídia que visavam o consumo, mas com a descentralização proposta pelas redes sociais, seu contexto se modificou.

Recapitula-se: Os meios virtuais se formam a partir do encontro de indivíduos (que possuem um inconsciente formado pela grande mídia) com uma estrutura que os permite propagar informações (enaltecendo o desejo de preservação do ego) e quantifica seus dados.

Ocorre que a elaboração de um sistema de lucro em torno da quantificação das informações produzidas pelos indivíduos, de forma a determinar que fossem vendidas como meio de elaborar estratégias publicitárias e propagadas de acordo com grupos de

⁹ Antônio Damásio em *O Erro de Descartes* discorre sobre o estudo de indivíduos com lesões cerebrais que tiveram suas emoções modificadas enquanto o resto do cérebro permaneceu intacto. Ao observar a modificação das emoções, Damásio observou que a tomada de decisão dos indivíduos também havia sido afetada, afirmando a partir disso a associação entre razão e emoção.

interesse, não simplesmente moldou uma estrutura virtual, mas parece ter influenciado a percepção de mundo dos indivíduos, o que trouxe a tona dois grandes paradigmas.

Se a mídia vendia um produto como símbolo de felicidade, as pessoas interpretavam essa felicidade como status, como consideração, o que envolve o consentimento de outrem. Nas redes sociais, tendo em vista que se passou a produzir as informações em constante interação, os indivíduos não desejam simplesmente obter status a partir de um determinado produto, mas demonstrar que estão sendo reconhecidos pelo grupo e iniciou-se assim um jogo de imagens em que o valor não mais se baseia em consumo, mas em socialização e/ou reconhecimento.

Da mesma forma que a quantificação dos dados os transforma em produtos, eles tendem a se visualizar assim por ter em mãos uma ferramenta que possibilita o diário exercício de avaliar o próximo. Em uma estrutura que influencia o julgamento e a escolha entre informações e pessoas boas ou ruins, torna-se fácil visualizar indivíduos como produtos desprovidos de subjetividade, passíveis de crítica e facilmente descartáveis.

As páginas de celebridades nos sites de redes sociais ilustram bem esse padrão comportamental. Para melhor ilustrar, fez-se um recorte de uma postagem do perfil no Facebook de Ana Paula, ex-participante do reality show Big Brother Brasil. É possível visualizar que ela pede por likes pelo conteúdo postado e salienta-se as opções de reações disponíveis para evidenciar as possibilidades de conceder juízos de valor para os indivíduos e informações encontradas no site. Curiosamente, a postagem da ex-BBB diz respeito ao Tinder, outro meio comumente usado que permite a análise e escolha de possíveis parceiros amorosos a partir de fotos e informações expostas.

Figura 2



Fonte: Recorte de print screen da página do Facebook da ex-BBB Ana Paula

Mais do que a percepção perante o outro, é possível dizer que os indivíduos visualizam a si próprios como meros portadores de valor simbólico e que os perfis das redes sociais atuam como vitrines, tendo em vista que não simplesmente reforçam-se padrões estéticos, mas também padrões de opiniões, o que dá origem ao outro paradigma. Se por um lado criam-se perfis falsos como ferramentas capazes de expressar o que não é socialmente permitido, por outro lado usuários tendem a adaptar cada vez mais seus discursos em busca da aceitação social.

No momento em que se tornou possível selecionar a informação que se deseja ou não consumir, não simplesmente se permitiu exercer autonomia, mas também um grande potencial de sectarização. Tendo em vista que talvez a real autonomia nunca tenha sido desenvolvida, uma vez educados conforme os moldes ditatoriais, os indivíduos utilizaram o poder de escolha proporcionado pela comunicação em rede para que pudessem se fechar no espaço de informações que consideravam agradáveis.

Com a sectarização de opiniões a partir do que mais agrada, os indivíduos podem nem sempre agir de acordo com os mandamentos propagados pela grande mídia, mas seguem procurando aceitação dentro de seus grupos de atuação e direcionando seus padrões comportamentais de forma a conquistá-la.

Para evidenciar esse processo e tendo em vista o atual momento de instabilidade política, fez-se um recorte de páginas no Facebook encontradas em perfis de usuários que manifestam apoio às causas conservadoras, e às progressistas. Identificou-se grande dicotomia, tendo em vista que um grupo tende a criar páginas que refutem ou zombem

do outro – como demonstra alguns exemplos da imagem, para ironizar a página da Socialista Morena, os opositores criaram a Capitalista Morena; para a página do professor Olavo de Carvalho, a Olavettes autozoativos; para o movimento Orgulho Gay, criaram a página Orgulho de Ser Hetero que posteriormente deu origem à paródia Orgulho de não ter cérebro e mais recentemente está em alta a Frases Hetero que zomba da homossexualidade.

Figura 3



Fonte: Recorte de print screen de páginas existentes no Facebook

Vai-se um pouco além: os participantes de um grupo permanecem apenas no seu meio ideológico, desprezando páginas de posicionamento oposto. Tal comportamento pode ser evidenciado a partir da postagem da página do twitter Reaçõnaria, na qual eles pedem para que seus seguidores deixem de curtir um vídeo de ideologia oposta produzido pelo Canal Porta dos Fundos e comemoram que já haviam conseguido que 169 mil pessoas descurtissem. Ou seja, os indivíduos aceitam agir de forma que agrade seu nicho de socialização para conseguir aceitação e rejeitam os nichos que mantêm ideologias contrárias.

Figura 4

Reaçõnaria @reaconaria · 3 de abr
169 MIL DISLIKES! [youtube.com/watch?
v=m92wws...](https://www.youtube.com/watch?v=m92wws...)

Dê um dislike também!



Fonte: Recorte de print screen da página do twitter Reaçõnaria

Afinal, talvez o grande legado deixado pela grande mídia e hoje demonstrado nas redes sociais não seja somente ideológico, mas simbólico, pois não simplesmente se trata do que se acredita, mas da forma com que se comporta. É possível discordar do padrão imposto, mas seguir avaliando a si próprio e aos outros a partir de padrões diversos.

Os sites de redes virtuais demonstram que o coeficiente de valor pós-moderno já não se baseia em consumir, mas em ser consumido a partir do que se compartilha. A partir de tais concepções, torna-se possível visualizar os meios virtuais como um grande cenário onde as encenações deixam clara a influência das cobranças sociais.

É a partir disso que Primo (2014) argumenta que se antes a preocupação era a indústria cultural, agora é preciso olhar de forma crítica a industrialização da amizade. Afinal, os meios podem quantificar dados, mas os indivíduos contribuem para que a sectarização sistematizada se mantenha e no momento em que essa sectarização passa a atingir a forma como se compreende a realidade é porque há uma submissão frente às simbologias estruturalmente propostas.

Considerações Finais

As redes sociais são o exemplo mais simplório de que um meio precisa de indivíduos para se constituir, pois sua estrutura se molda a partir da propagação do conteúdo produzido por esses. Dessa forma, se torna claro o quanto as concepções

identitárias e psíquicas influenciam tanto quanto a estrutura dos meios na formação de simbologias.

A forma com que as pessoas encaram a si mesmas hoje entra em acordo com o que a estrutura dos meios propõe, pois a subjetividade desses atua em vender um sistema de visualização mecânico e sectário, fortalecendo a extinção da subjetividade dos indivíduos. Esse processo acaba dando continuidade ao inconsciente coletivo propagado pela indústria cultural e pela sociedade do espetáculo, o qual possui uma perspectiva simplista e linear que almeja lucro – o capital nada mais é do que uma ferramenta simbólica geradora de reconhecimento e todos querem reconhecimento.

Tendo em vista a relação complementar entre os meios e os indivíduos - a partir da perspectiva de que os meios exercem influência na medida em que os indivíduos fornecem credibilidade - surge o questionamento sobre até que ponto os meios agem de forma a propagar simbologias comportamentais ou simplesmente potencializam e tornam visível o padrão comportamental da consciência egoica que almeja se perpetuar a partir da disputa.

Por certo que os meios de comunicação exercem constante potencial educacional e potencializam as visualizações de mundo, entretanto, é possível constatar a partir dos estudos dos sites de redes sociais de Primo (2014) e de salas de bate papo de Porto (1999) que nesse novo contexto são as pessoas que escolhem o conteúdo que desejam consumir e censuram a si próprias – com uma sutil ajuda do sistema que quantifica os dados mais valorizados - dentro de suas perspectivas, as quais nem sempre são as mesmas da grande mídia.

O que parece se encaixar nesse jogo simbólico entre meio e indivíduo é, portanto, o aspecto comportamental. A competição e a sectarização existem em diferentes nichos e talvez as investigações não devam se voltar simplesmente para as ideologias, mas para a forma com que essas são compreendidas. É a partir da interiorização delas que se passa a visualizar a si próprio e aos outros de forma sectária.

Tendo em vista o essencial papel das pessoas na constituição dos meios, é necessário que elas tomem responsabilidade perante suas ações e encarem a si mesmas de forma crítica. Conclui-se, portanto, a urgente necessidade de autorreflexão, a qual pode ser concebida a partir do resgate e do desenvolvimento da comunicação real que começa no diálogo interno, a fim de recuperar a consciência comportamental.

Só quando os indivíduos se tornarem capazes de encarar o mundo além de seus ideais de perpetuação será possível pensar em um mundo além do comportamento competitivo que gera padrões de objetificação. Entende-se, portanto, que para modificar um sistema é primeiramente preciso assumir que, na perspectiva atual, os indivíduos interpretam o mundo de forma sectária automática, resgatando assim a subjetividade por trás deles e das concepções.

Referências

DAMÁSIO, António Rosa. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FIEDLER, Regina Célia do Prado. **A teoria da ação comunicativa de Habermas e uma nova proposta de desenvolvimento e emancipação do humano**. Revista da Educação, Universidade de Guarulhos, 2006

HABERMAS, Jürgen. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, p. 11-75, 1983.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

KEN, Wilber. **Éden: queda ou ascensão?** Uma visão transpessoal da evolução humana. Campinas: Verus Editora, 2010.

Os Desafios Contemporâneos: A Educação. Palestra com Viviane Mosé no programa Café Filosófico transmitido pela TV Cultura. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=hRfZLQrAt5A> Acesso em 15 de Novembro de 2015.

PORTO, Sergio. **Sexo, afeto e era tecnológica**. Um estudo de Chats na internet. Brasília: Editora UNB, 1999. Online. Disponível em:
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/929ae9c5fcc38540c082ba3cb41e4876.PDF> Acesso em: 03 setembro. 2015.

PRIMO, Alex. Industrialização da amizade e a economia do curtir: estratégias de monetização em sites de redes sociais. In: Lídia Oliveira, Vania Baldi. (Org.) **A insustentável leveza da web**: retóricas, dissonâncias e práticas na sociedade em rede. Salvador: EDUFBA, 2014, p. 109-130.